



### CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

Depoimento nº: 021	Data: 08/10/2018
Local: Câmara dos Deputados	Duração: 1h34min

### COLABORADOR

**DARCY MARIA GASPARETTO CAMARGO - Secretária da Liderança do PFL durante a Constituinte.**

### SUMÁRIO

**Depoimento sobre a Assembleia Nacional Constituinte de 1987 e 1988 para o acervo de depoimentos do Núcleo de História Oral do Centro de Documentação e Informação — CEDI.**

### TÓPICOS

1. De Castro a Brasília; 2. Antes do concurso da Câmara; 3. O concurso para o Cedi; 4. O trabalho no Cedi; 5. O trabalho nas lideranças do PDS e PFL; 6. Acidente de trabalho; 7. As filhas como servidoras da Câmara; 8. Preparação para atuar na Constituinte; 9. O trabalho na Constituinte no gabinete do Líder do PFL; 10. O caso da distribuição do tempo no programa *Diário da Constituinte*; 11. O líder Dep. José Lourenço; 12. Os vice-líderes; 13. O *lobby* na Constituinte; 14. O Centrão; 15. O Presidente da Comissão de Sistematização; 16. Avaliação da Constituição; 17. A autonomia de Brasília; 18. A questão do aborto; 19. A proteção dos animais; 20. A questão da educação; 21. Sugestão aos políticos

#### 1. De Castro a Brasília

Nasci em Castro, no Estado do Paraná. Fiz o curso Normal. Estudei sempre no Colégio São José<sup>1</sup>, um colégio de freiras. Sou bisneta de tropeiros, descendente da história do Tropeirismo do Brasil<sup>2</sup>. Meu bisavô foi tropeiro, Álvaro Martins<sup>3</sup>. Ele

<sup>1</sup> Estabelecimento escolar mantido pelas Irmãs de São José de Moûtiers/Chambéry na Cidade de Castro, Estado do Paraná, entre os anos de 1904 e 1994. V. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/19626>

<sup>2</sup> V. <http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=320>



---

está citado nos livros que falam sobre o tropeirismo. Eu colaboro com o Museu do Tropeiro, o único que existe no Brasil. Refiro-me ao Museu do Tropeiro<sup>4</sup>, em Castro. Tem um pilão lá, desse tamanho, que foi da família e foi doado ao museu. Gosto muito de lá, tenho saudades.

Eu me casei em 1959. Meu marido é militar. Precisaram dele aqui, em 1961, e ele veio transferido. Acabamos ficando por aqui. Saímos, moramos no exterior e voltamos. Eu já era concursada, trabalhava aqui na Secretaria de Educação. Comecei na Secretaria de Educação, por concurso também. Depois de 15 anos, fiz concurso para a Câmara.

## 2. Antes do concurso da Câmara

Eu não sabia de nada, não tinha ideia do que eu iria fazer aqui na Câmara. Eu nunca tinha entrado na Câmara dos Deputados. O professor, principalmente o professor primário, que era o meu caso — e eu cheguei à direção de uma escola de ginásio —, a gente se envolve tanto com o trabalho, que é tão bom, mas preocupamos o tempo todo. A gente está em casa e está pensando na escola, nos alunos, nos planejamentos e soluções. Então, não sabia que havia outro lugar para trabalhar em Brasília fora da educação. Eu tinha uma paixão muito grande pelo meu trabalho, do qual gostava.

Mas, em 1971, estava até dirigindo uma escola, por empréstimo, por faltar uma diretora especializada. Era uma escola que atendia deficientes mentais e deficientes auditivos em turnos diferentes. Foi quando o meu marido recebeu uma missão na Bolívia, e tive que acompanhá-lo. Deixei a escola, mas já a tinha estruturado. Quando fui para lá, era uma emergência. Mas, depois de um ano, a escola já estava estruturada, e saí. Lá fora passei a enxergar outras coisas, possibilidades de ter experiências fora do magistério e fiz um curso de Secretariado, que foi o que encontrei em La Paz. Eu gostei muito do período. Em dois anos, lá não houve nenhuma revolução. Era muito frio o ano todo. Era como estar dentro de um *freezer* o ano todo, mas nós gostamos.

---

<sup>3</sup> Álvaro Gonçalves Martins, tropeiro castrense. Cf. Zatti, Carlos. *Campeiros do Paraná Tradicional*. Curitiba: Clube de Autores, 2011.

<sup>4</sup>V. <http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=98>



Aí fomos eu e a esposa de um adido naval lá, que era professora de deficientes visuais em Brasília. Nós combinamos. No primeiro ano, nós pegamos um professor particular de espanhol, para não falarmos muito errado. No ano seguinte, fui atrás de um curso para frequentar e encontrei um de secretária estenógrafa bilíngue — bilíngue lá: inglês e espanhol. Iríamos aprender datilografia, enfim. Para ser professor não precisava, não havia exigência de datilografia. Já era máquina elétrica, quer dizer, tínhamos um *upgrade* no currículo. Fizemos esse curso de um ano de inglês e espanhol. Aprendemos um pouco do espanhol e melhoramos o inglês.

Voltamos para Brasília, e a situação do professor continuava igual. Não havia ainda Sindicato dos Professores<sup>5</sup>. Não sei se ele foi criado naquele espaço de tempo que passei fora. Assim mesmo fiquei numa escola de ginásio na Asa Norte, com uma colega. Depois, ela saiu para trabalhar no Centro de Ensino, e eu fiquei sozinha, sozinha mesmo. Gente, era muita coisa para uma pessoa ou duas fazerem. E a gente queria dar mais e não tinha como. Graças a Deus, eu tenho muita saúde para ter boa assiduidade! Mas eu fiquei meio triste.

A implantação do ensino em graus foi na escola que eu estava dirigindo na 407 Norte<sup>6</sup>, que é uma escola que tem até painel do Athos Bulcão, cujo projeto foi de Nilton Ramos<sup>7</sup>, arquiteto premiado na Bienal de São Paulo à época, muito prestigiado. A gente recebia muitas visitas. O jardim era muito bem planejado. Mas a gente não tinha condições. Havia um ou dois serventes, e a gente precisa de mais. A escola era muito bonita, toda clara. Os pais dos alunos iam aos sábados para me ajudar a lavar a escola com o material dos bombeiros, porque não tinha material.

Então, as minhas filhas já estavam ficando mocinhas. Uma nasceu aqui; outra veio para cá quando neném, nascida no Paraná. Eu sentia necessidade de me dedicar às filhas. O meu marido era militar, saía de manhã e chegava à noite. Mas daí é que eu disse: *“Quer saber de uma coisa: nada mudou. Não vejo perspectiva de*

<sup>5</sup> O Sindicato dos Professores no DF foi fundado em 14 de março de 1979. V.

<https://www.sinprodf.org.br/secretarias/>

<sup>6</sup> Escola Classe 407 Norte

<sup>7</sup> Milton Ramos (1929-2008) foi arquiteto da Construtora Pederneiras S.A e membro da equipe de Oscar Niemeyer, sendo responsável pelo detalhamento de vários edifícios, entre eles o Palácio do Itamaraty, além de obras próprias. V. <http://especiais.correiobraziliense.com.br/patrimonio-brasiliense> e [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4744/1/2008\\_CarlosHenriqueMagalhaesLima\\_reduzida.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4744/1/2008_CarlosHenriqueMagalhaesLima_reduzida.pdf)



*melhoria ou pelo menos de conforto para trabalhar*”. Tinha feito um curso de Direção Escolar, por dois anos e meio, em horário integral, aqui em Brasília. Era um curso de administração de escolas<sup>8</sup>, fora a Pedagogia. Então, a gente aprende e quer aplicar. Mas estava difícil.

### 3. O concurso para o Centro de Documentação e Informação - Cedi

Foi aí que pensei — e não sou decidida assim, mas tenho um anjo que me ajuda, eu acho, que me acende uma lâmpada — o seguinte: *“Ao primeiro concurso público que aparecer, vou concorrer, vou arriscar; um concurso que sinta que possa concorrer”*. Daí, por coincidência, saiu um edital para preenchimento de vagas no Cedi, na Câmara dos Deputados. Fui atrás do edital e vi o programa. Tinha a área de pesquisa e a área de taquigrafia. Eu aprendi taquigrafia na Bolívia, mas era o método alfabético, que não dava para desenvolver muita velocidade. Então, não arrisquei. Fui para a área de pesquisa. Eu disse: *“Que maravilha! Trabalhar no meio de livros, na biblioteca, estudos legislativos”*. Nem tinha ideia do que teria que fazer, mas pensei: *“Acho que dou conta. A redação eu tenho, não é?”*

Me inscrevi, me preparei e estudei um pouquinho antes de dormir. Acho que aprendi por osmose, pois andava com a Constituição e o Regimento Interno debaixo do braço. Onde eu estava era estudando. E deu certo. Entrei e fui feliz. Aqui tem tudo. Se a gente precisa de material, tem. A gente tem conforto, tem assistência. O ambiente de trabalho, por onde passei, é excelente. A gente vê que os colegas trabalham, assim, com muita seriedade. Não me arrependi, tenho muita saudade. Às vezes encontro alunos. Há pouco tempo, pelo *Facebook*, encontrei um aluno do tempo em que trabalhava na escola bonita de que falei. Hoje ele é professor na Universidade Estadual de Londrina, no Paraná. No grupo Memória de Brasília — eu também frequento um grupo de Brasília —, ele me enviou uma fotografia da quadra onde se situava nossa escola. Ele fez essa referência, e minha filha viu o comentário dele. Ela entrou na página em que ele escreveu: *“A Diretora era a D. Darcy. Saudades da escola”*. Daí a Lia escreveu: *“Olha, eu sou filha da D. Darcy, e a mamãe vai ficar muito contente em saber da sua observação”*.

<sup>8</sup> Curso de Técnico em Direção de Escola Elementar – 2.700 horas. V.

<https://www.tc.df.gov.br/sinj/Diario/5bb20591-6258-351a-a012-ab64a7ae4e3d/cf365b0b.pdf>



#### 4. O trabalho no Cedi

O concurso era específico para o Cedi. Quando entrei, fui para a Coordenação de Publicações. O Chefe da Seção de Coordenação Editorial era o Sr. Aristeu Melo<sup>9</sup>, e o Diretor da Coordenação era o Dr. Mário Teles<sup>10</sup>. Quando eu cheguei, o Dr. Mário Teles estava substituindo a Diretora do Cedi, que estava afastada; e o Sr. Aristeu estava substituindo o Dr. Mário Teles na Direção da Coordenação. Ali fiquei um tempo. Ali o Sr. Aristeu sugeriu que eu colaborasse e fizesse um livro. Acho que, na época, era Sesquicentenário da Independência... pela data, acho que sim. Tudo já estava sendo preparado. Eu fiz. A gente mesmo datilografava, pesquisava. O Sr. Aristeu também trouxe material e tudo. A gente fez tudo de uma maneira bem-feita, com o material que havia no momento. E foi feito o livro, que é o que está aí na biblioteca<sup>11</sup>, encadernado, bonitinho.

Depois mudei, fui transferida. Aliás, eu me transferi. Eu tinha muitas amigas na Seção de Estudos Legislativos, onde havia vaga. Daí fui convidada para trabalhar lá e fui. Passei a trabalhar com a elaboração dos índices dos *Anais da Câmara dos Deputados*. Achei muito interessante. Só que não dava tempo para nada. Se a gente via que um discurso era interessante, não dava tempo para ler. Isso era horrível, mas lá fiquei.

Depois, o Presidente da Câmara dos Deputados, o Deputado Marco Maciel<sup>12</sup>, encomendou uma pesquisa para editoração de livros de perfis parlamentares<sup>13</sup>. Seriam pesquisados os parlamentares que, desde o Império, destacaram-se ou na atuação parlamentar ou por terem discursos interessantes. A Maria Laura Coutinho, que era minha chefe, estava distribuindo o trabalho. Fiz o de Plínio Salgado<sup>14</sup> e o de

---

<sup>9</sup> Aristeu Gonçalves de Melo

<sup>10</sup> Mario Teles de Oliveira. V. <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/depoimentos/memoriadoservidor/Contos%20da%20Camara%201%20e%202/MarioTelesDeOliveira.pdf>

<sup>11</sup> Brasil. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Exposição Comemorativa do Sesquicentenário da Independência. Ciclo da Independência, 1808-1831: catálogo da exposição comemorativa do sesquicentenário da independência, abril a setembro de 1972. Brasília: Câmara dos Deputados, 1973. 114 p.

<sup>12</sup> Presidência de Marco Maciel na Câmara dos Deputados – 1977-1979.

<sup>13</sup> Perfis Parlamentares é uma série publicada desde 1977 pelas Edições Câmara com biografias de parlamentares.

<sup>14</sup> Salgado, Plínio, 1895-1975. Discursos parlamentares / Plínio Salgado; seleção e introdução Gumercindo Rocha Dorea. Levantamento e organização dos originais: Maria Laura Coutinho (Supervisão) e Darcy Maria Gasparetto Camargo. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982.



---

Zacarias de Góes e Vasconcellos<sup>15</sup>. Muito interessante. Mas isso nós fazíamos fora do horário de trabalho. Nós não éramos dispensadas do expediente. No meu caso, eu trabalhava na indexação. E nós tínhamos que fazer a pesquisa depois que completássemos nosso horário. Eu tive o prazer de participar desse trabalho. E hoje eu vejo o meu nome lá na pesquisa, porque a Coordenadora era a Maria Laura.

Há pouco tempo, eu recebi um telefonema de uma pessoa que nunca me viu, e eu também nunca o vi. Acho que ele é professor da Universidade de Brasília - UnB ou qualquer coisa assim. Ele fez um trabalho sobre o Plínio Salgado e queria ilustrá-lo com um quadro, que é um retrato, mas está pintado a óleo, do Plínio Salgado, que está na capa do livro. Ele queria fazer isso, mas há o problema do direito autoral. Então, ele queria saber se eu sabia onde estava o quadro. Eu não sabia. *“Eu fiz a pesquisa e entreguei para a Coordenadora, D. Maria Laura. Mas posso perguntar a ela”* — disse-lhe. Liguei para ela, e ela disse: *“Não tenho ideia. Aquilo foi para a gráfica do Senado”*. Depois, um dia eu tive curiosidade e quis acompanhar. Ele disse que conseguiu contato com a família do Plínio Salgado, com alguém da família, um descendente, mas eles não sabiam onde estava o quadro, com quem tinha ficado ou quem o pintou. E parece que eles iriam continuar pesquisando, para ver se descobriam quem pintou ou alguém da família do pintor, porque o direito autoral é do pintor.

## 5. O trabalho nas lideranças do Partido Democrático Social - PDS e Partido da Frente Liberal - PFL

Eu era só funcionária da Câmara. Um dia, participando de uma mesa de concurso, conversando, conheci a Selma Dangelo Ferreira, uma funcionária mais antiga do que eu na Câmara. E ela soube que a Chefe da Secretaria dos Vice-Líderes, estava precisando de alguém que trabalhasse lá, mas que tivesse livre acesso ao Cedi e experiência com pesquisa, para não terem que encomendar pesquisas e marcar um dia para pegar. Os Vice-Líderes encomendam pesquisas e

---

<sup>15</sup> Vasconcellos, Zacharias de Góes e, 1815-1877. Discursos parlamentares / Zacarias de Gois e Vasconcelos; seleção e introdução de Alberto Venâncio Filho. Levantamento e organização dos originais: Maria Laura Coutinho (Supervisão) e Darcy Maria Gasparetto Camargo. Brasília: Câmara dos Deputados, 1979.



querem receber logo. Eles precisam de tudo para ontem. Eles estão sempre com pressa. Então, ela me convidou.

Eu fiquei na dúvida e falei com a Maria Laura Coutinho. Estava com pena de sair daqui, porque era um grupo muito bom e o trabalho era muito agradável. Eu já estava na Seção de Estudos Legislativos. E aquilo demorou, demorou e nunca saiu. A Maria Laura disse: *“Darcy, vá. Aqui é mais difícil conseguir uma gratificação. Você está começando. Quem sabe isso não vai ser bom para você? Se você quiser aceitar e não gostar, o seu lugar estará seguro aqui e você poderá voltar”*.

Então, pensei e aceitei. Só que nunca me chamaram. Achei até que já tinham preenchido a vaga. Havia uma gratificação, mas não era de secretária particular, não, era um DAI-NM ou alguma coisa parecida, embora eu já tivesse nível superior. Já tinha até esquecido, achava que não iam me chamar. De repente, recebi um convite para ser secretária particular do Líder do Governo, do Partido Democrático Social (PDS), o Deputado Nelson Marchezan<sup>16</sup>, o pai — agora está na política o filho, que, na época, era um menino. Levei um susto. Eu disse: *“Não, mas eu não posso ser secretária particular de um Líder”*. Ele era o Líder do Governo na época. Fiquei apavorada. Era casada e tinha filhos em casa.

Sempre tive a ideia de que uma secretária tinha que estar muito arrumada, muito bonita, ter muito tempo para se dedicar ao trabalho e tinha que ser a primeira a chegar e a última a sair. Fiquei pensando: *“Não posso aceitar. Isso não é para mim”*. Daí fui conversar com o Chefe de Gabinete, que era o Dr. Fernando Marques. Eu disse a ele: *“Dr. Fernando, não posso ser secretária do Líder”*. Ele me respondeu: *“Não, D. Darcy, não se preocupe. A senhora não vai trabalhar aqui no gabinete. A senhora vai trabalhar numa salinha, para redigir. A senhora veio do magistério. Então, pressupomos que a senhora tenha redação própria”* — e a minha redação era muito simples. *“A senhora não vai trabalhar aqui com o Líder nem no gabinete, porque é muito movimentado, muito barulhento, e a senhora precisa se concentrar. Nós estamos arranjando uma salinha na Comissão de Trabalho, no anexo”*. Daí, aceitei. Havia o Luiz Afonso Sieiro Soares, que era um colega que

---

<sup>16</sup> Nelson Marchezan (1938-2002). Deputado Federal - 1975-1979, 1979-1983, 1983-1987, 1995-1999, 1999-2002, RS. Líder do Governo, 1979-1980. Presidente da Câmara dos Deputados – 1981-1983.



também fazia a mesma coisa. Havia datilógrafos. Nós só redigíamos e fazíamos os rascunhos das correspondências. E foi assim que eu passei para lá.

O Deputado Nelson Marchezan era Líder, passou a ser Presidente da Câmara — nós o acompanhamos —, depois ele voltou para a Liderança do PDS novamente, mas ele saiu para se candidatar ao Governo do Rio Grande do Sul. Já o Líder passou a ser outro deputado, também do PDS. Alguns deputados que eram do PDS saíram para formar outro partido e convidaram uma parte da equipe do Deputado Marchezan para acompanhá-los. Assim, passei a ser da Liderança do Partido da Frente Liberal (PFL).

Eu não era filiada ao PFL, nem tinha nenhuma relação política. Eu sou filiada a pessoas, ao caráter, a pessoas de bem, sabe? Agora, quando vimos trabalhar, nós obedecemos a ordens, mas gostei muito de ter trabalhado, tanto com o Deputado Nelson Marchezan como com o Deputado José Lourenço<sup>17</sup>. Não havia nem contato.

Depois de três anos em que eu estava ali, o Deputado Nelson Marchezan foi saber que era eu quem redigia as correspondências dele. Eu só redigia. Alguém datilografava, e eu redigia. Ele recebia muitas correspondências. Ele era Líder do Governo. Mas ele tinha uma boa assessoria. O gaúcho Joares Antônio Caovilla no gabinete dele mesmo. Acho que eles mesmos resolviam alguns casos. Eu não abria as correspondências. Eles é que faziam a triagem e me passavam. A correspondência vinha para ele. Geralmente era pedido. Então, nós tínhamos que saber para onde iríamos mandar esse pedido, a quem encaminhar. Os pedidos eram, por exemplo, para liberação de financiamento agrícola, porque ele é gaúcho. Não posso falar o assunto, mas isso é geral. Acho que todos os políticos recebem esse pedido. Havia de tudo. Havia pessoas que pediam telha para cobrir casa, máquina de costura. Agora, tínhamos que ser comunicados do que iríamos assinar e pensar: *“Se ele fosse responder aquilo, como ele responderia? Qual seria a resposta conveniente?”* Isso teria que ser feito para não se perder o eleitor. Eu pensava nisso. Temos que segurá-los. Quando comecei a me apresentar para o Deputado Marchezan, ele me disse: *“Olha, para trabalhar comigo, tem que vestir a camiseta do*

---

<sup>17</sup> José Lourenço Morais da Silva - Deputado Federal, 1983-1987, BA, PDS. Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, BA, PFL. Deputado Federal, 1991-1995, BA, PDS. Deputado Federal, 1996-1999, BA, PPR. Deputado Federal, 1999-2003, BA, PFL.





*time*”. Eu disse: “*Se o problema for o trabalho, só se não souber fazer. Daí, saio. Não vão me mandar embora. Agora, se for trabalho, tudo bem*”.

Indicaram-me para a Secretaria dos Vice-Líderes, mas fui desviada. Acho que o Dr. Fernando, que o era Chefe de Gabinete, teve essa ideia; ou estavam precisando mais na área de correspondência do Líder. Mas quando vi, já tinha saído o Boletim. Essa gratificação era melhor. Só que ia ser secretária particular do Líder. Mas se trata de redação, porque secretário redige também. Mas foi ótimo, foi muito bom.

Quanto às cartas do Deputado Nelson Marchezan, eram correspondências dos eleitores dele, dos gaúchos. Quanto à correspondência de autoridades, havia alguma coisa. Tudo passava por duas etapas: a correspondência chegava, e encaminhávamos. Eu teria que saber para onde encaminhar. Se eu tivesse dúvida... Às vezes, encaminhava para vários destinatários. Havia um pedido, e eu mandava. Depois era feito telex — no tempo do telex — para a parte interessada, para que soubesse que estava sendo atendida.

Quanto ao Deputado José Lourenço, era mais a redação do gabinete mesmo. Ele escrevia muito bem. Acho que muita coisa ele já resolvia pessoalmente ou por telefone. Ele não tinha paciência, sabe? Dele não fiquei com muita lembrança de carta, não. Era mais a classificação da correspondência que chegava. Eu fazia a manutenção do arquivo do gabinete. Ficava lá embaixo. Havia mais: acompanhar o trabalho nas Comissões Especiais. Havia uma moça, a Andrea, que há pouco tempo, fiquei sabendo, faleceu. Era uma moça bonita, nova. Era uma companheira muito boa. Mas trabalhava lá embaixo. Ela é quem ia, assistia à sessão e trazia os dados. Eu anotava. Então, dependendo da necessidade, eu fazia qualquer coisa.

## 6. Acidente de trabalho

Quando nós passamos para o PFL, fisicamente o gabinete era em cima e nós ficávamos embaixo. Uma vez, quase perdi a minha mão no monta-cargas, porque nós púnhamos os papéis, e um dia houve manutenção. Aquele elevador de papéis puxava muita carga. Quando estava colocando alguns papéis, alguém o chamou lá em cima e, quando vi, o meu braço estava imprensado. Na parte de baixo, havia vidro para o papel não cair. Cortou aqui. Eu saí correndo. O problema é que foi com



esta mão que consegui segurar na beiradinha, e estava sozinha na sala. Uma colega, que já está aposentada, ouviu um barulho naquela sala do monta-cargas e foi lá ver. Ela viu o que era e gritou. O pessoal soltou o elevador. Daí levantei, e já me levaram. O Dr. Francisco Pinheiro Rocha, o mesmo médico que atendeu Tancredo Neves, me atendeu. Foi muito simples. Por sorte, não atingiu nem tendão nem veia. Tenho a cicatriz até hoje. Quase perdi a mão.

#### 7. As filhas como servidoras da Câmara

Minhas duas filhas fizeram concurso para a Câmara. A Gilza<sup>18</sup> está em uma fotografia do *Correio Braziliense*. Ela está anotando a fala do Deputado Ulysses Guimarães<sup>19</sup>, Presidente da Constituinte em 1988 — tão bonitinha, ela era jovem! Ela é de 1964. Fiquei tão orgulhosa ao vê-la anotando! Ficou feliz. Ela viu no jornal, identificou, recordou o momento, e me mandou a foto. A Lia<sup>20</sup> disse que a última fala do Ulysses Guimarães foi ela que anotou, quando ele encerrou a Assembleia. A Lia é a mais velha. Elas fizeram concurso ao mesmo tempo. Elas foram para o Tribunal Regional Federal (TRF) primeiro, eram taquígrafas no TFR, e depois vieram para a Câmara.

Elas queriam ser professoras. Eu disse: olhem, vamos pelo atalho, porque, se vocês forem professoras, como moram no Plano Piloto, vão trabalhar muito distante de casa. A invasão no IAPI<sup>21</sup>, na época, já tinha sido transferida para a Ceilândia. O trabalho é bom em todas as comunidades, o trabalho é muito gratificante. São naquelas comunidades mais simples que trabalhamos com mais amor. Mas o salário às vezes não dá para comprar um carro. Elas iriam se expor também. Brasília está crescendo, o perigo está aumentando. Aí disse: vocês vão fazer taquigrafia.

Eu tinha feito o curso na Bolívia. Estava trabalhando na Câmara e uma vez, na Constituinte, pensaram que fosse lobista. Havia uma lanchonete, na época, a do

<sup>18</sup> Gilza Mara Gasparetto Camargo Frutuoso

<sup>19</sup> Ulysses Silveira Guimarães (1916-1992). Deputado Federal, 1951-1955, SP, PSD; Deputado Federal, 1955-1959, SP, PSD; Deputado Federal, 1959-1963, SP, PSD; Deputado Federal, 1963-1967, SP, PSD; Deputado Federal, 1967-1971, SP, MDB; Deputado Federal, 1971-1975, SP, MDB; Deputado Federal, 1975-1979, SP, MDB; Deputado Federal, 1979-1983, SP, MDB; Deputado Federal, 1983-1987, SP, PMDB; Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, SP, PMDB; Deputado Federal, 1991-1995, SP, PMDB. Foi Presidente da Câmara dos Deputados de 11.mar.1956 a 11.mar.1958, 1985-1986, 1987-1988.

<sup>20</sup> Lia Solange Gasparetto Camargo

<sup>21</sup> Vila IAPI. V. [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_8f30d554026994f6e14de652f3c8c616](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_8f30d554026994f6e14de652f3c8c616)



seu Antônio, na Taquigrafia. Acho que ainda está lá, não sei se é do seu Antônio. Enfim, uma taquígrafa veio conversar comigo, e ela não sabia que eu já era do quadro, já estava no NS-25. Eu não trabalhava lá, só ia lancha. Daí, ela me disse que ia haver um concurso para taquígrafo e falou: *“Venha trabalhar com a gente, aqui! A senhora não tem interesse?”* Eu disse: eu já sou funcionária. *“Mas faça, venha trabalhar com a gente”*. Eu disse: não. *“Mas, então, você tem parente, irmã ou filha?”* Eu disse: tenho duas filhas na universidade, elas estão terminando, estavam na UnB, cursavam Letras, é bom porque tem que saber escrever, pelo menos, pontuar bem. Daí, disse que ia falar. Elas, terminando o curso, estarão em condições.

Daí, disse: vocês vão fazer — eu sou mandona — o curso de taquigrafia, porque vão abrir inscrições para o concurso de taquígrafo. Vocês vão fazer e vão passar, será muito bom, é um ambiente muito bom; a administração na Taquigrafia eu sei que é muito boa, e vocês vão entrar. A Lia, a mais velha, disse: *“Eu não vou, mamãe”*. A Gilza num instante quis. Ela queria até fazer um curso de administrador postal, alguma coisa assim, para trabalhar nos Correios. Eu disse: não, vamos para a Câmara, é muito bom. A Lia disse: *“Eu não vou. A senhora quer que eu seja funcionária pública, frustrada e neurótica?”* Eu disse: filhinha, é perto de casa, o ambiente é ótimo, o trabalho é interessante, você gosta muito de ler e de assistir vídeos. Então, você, aprendendo a taquigrafia, quando tiver uma aula, num curso, vai anotar com facilidade. Vai servir para o seu uso mesmo. Vá fazer! Exijo que você faça, depois pode desistir.

Daí, foram. Adoraram! A Lia foi a que mais gostou da taquigrafia. Daí falei: trabalhem um mês, recebam o primeiro contracheque, se não quiserem continuar, podem pedir demissão. Até hoje ninguém pediu, já estão aposentadas. Eu sou como Margaret Thatcher<sup>22</sup>, sou meio impositiva. Há coisas que não dá para discutir.

## 8. Preparação para atuar na Constituinte

Não tive preparação. Lia os jornais, via as notícias políticas, para acompanhar, antes de chegar aqui, porque, depois que chegasse, havia jornais, mas

---

<sup>22</sup> Margaret Hilda Thatcher, Baronesa Thatcher de Kesteven, Primeira-Ministra do Reino Unido de 1979 a 1990, conhecida como Dama de Ferro.



---

não podia parar para ler, não tinha tempo. Então, dava uma olhada em casa. Sempre assinei os jornais *Correio Braziliense*, *Jornal do Brasil* e *Folha de S.Paulo*. Eu dava uma olhada só naquilo, porque não iríamos saber o que os jornalistas... E as entrevistas, nós víamos na imprensa no dia seguinte. Era só para ver a cotação da pessoa a quem servíamos, os políticos, como estavam um com outro. Às vezes, eles tinham umas briguinhas e tal. Era para acompanhar. Eu achava necessário. Como vou fazer uma correspondência se... Até para abrir, para encerrar, tinha que ser mais hostil, mais afetuosa, porque acho que o coração vale. Não havia modelo, aquilo de só preencher. Não, não havia. Cada ofício era um trabalho de elaboração mental. Um dia até fiquei sabendo, na imprensa nacional, na época, que a pessoa que redigia não poderia trabalhar mais de quatro horas.

#### 9. O trabalho na Constituinte no gabinete do Líder do PFL

No gabinete da Liderança do PFL, o trabalho era a mesma coisa. Só havia menos correspondência. Era um trabalho mais diversificado porque não havia tanta correspondência. E, se havia qualquer coisa, aqueles assessores que têm mais ligação deviam fazer. Nós trabalhávamos o tempo todo redigindo, redigindo, redigindo. O sistema era antigo. A datilógrafa datilograva, devolvia, eu conferia. Eu organizava as pastinhas no final do dia. Com o Deputado José Lourenço, e não sei se ele passou para o gabinete particular dele, havia menos correspondência. Era correspondência do gabinete mesmo do Líder, não era correspondência particular. Em relação a esta, talvez ele fizesse no gabinete particular dele.

Mas eu não parava de trabalhar. Havia trabalho o tempo todo. Os deputados e o pessoal da bancada vinham ao final, depois das sessões no plenário da Câmara e do Congresso, e se reuniam para bater papo, conversar, combinar alguma coisa. Enquanto houvesse alguém lá, nem o Chefe de Gabinete nem eu saíamos. Às vezes, nós amanhecíamos aqui. Houve caso de eu chegar a minha casa, fazer a higiene pessoal, trocar a roupa, tomar um café e voltar para cá. Mas todos participavam felizes, todos! Eu me sentia muito bem aqui com os colegas. Fizemos muitas boas amizades. Todo mundo trabalhava, ninguém reclamava. Eu não via ninguém reclamando.



Havia muito movimento. Nós dávamos assistência não só ao Líder, mas também ao Chefe de Gabinete, o Sr. Roberto dos Santos Duarte. Nós chegávamos praticamente juntos e saímos juntos. Às vezes, ficávamos só nós dois. Outros funcionários iam saindo, e nós ficávamos ali, à noite.

Eu continuei fazendo o trabalho que eu já fazia. Agora, havendo necessidade, em função da Constituinte, nós fazíamos qualquer coisa, qualquer correspondência. Ou acompanhávamos uma votação e voltávamos. Mas já não sei mais localizar isso no tempo.

#### 10. O caso da distribuição do tempo no programa *Diário da Constituinte*

Agora, há uma coisa que fiz, nessa época. O gabinete da liderança do PFL era novo, porque foi criado o PFL. Daí, havia uma funcionária de fora. O oficial de gabinete não era concursado. Eu fiquei encarregada de organizar o arquivo da correspondência do gabinete e dele. A correspondência chegava, e eu classificava, separava por assunto, fazia a pasta com a divisão dos assuntos, como Ministério e tal. Eu orientava. Colocava a classificação a lápis, e a moça já sabia. Era só perfurar e colocar no lugar correspondente, na pasta.

A Comissão de Sistematização da Assembleia mandava, de 15 em 15 dias, mais ou menos, aquele controle da distribuição do tempo gratuito na televisão. Os parlamentares o utilizavam para falar, para mandar recado para as bases e tal. E vinha aquela planilha. Era mais um documento que chegava. O Sr. Roberto, nosso Chefe de Gabinete, era um santo, muito calmo, muito bom. Ele mandava, e eu recebia pelo monta-cargas, porque não ficava no gabinete, ficava em uma sala embaixo. Daí classificava, e nós arquivávamos.

Um dia, vi aquelas planilhas. Nós estávamos esperando a sessão da noite ou da madrugada, havia uma planilha ali, e eu disse: “*O que será que representa isso? O que quer dizer isso? Por que mandam essa planilha? Qual é a importância dela?*” Tudo o que é feito tem um fim, uma utilidade, e é para ser utilizado. Acho que todo dado é para ser utilizado. Então, fiquei brincando. Vi os números ali: horário de tal dia, o deputado, o partido, o nome, se ele utilizou o horário gratuito, quanto tempo. Havia ali os minutos e segundos. Havia uma lista daquela quinzena. Já não me lembro, acho que era só do partido. Já não tenho certeza se era misturado com



outros partidos. Ah, misturava, porque depois vi que alguns, em relação ao número da bancada... Eu acho que foi isso que pensei: *“Nossa!”* Mostrei para o Chefe de Gabinete: *“O que será que diz isso aqui? Será que é importante, Sr. Roberto? Fiz essas continhas aqui, e olhe aqui a porcentagem”*. Daí ele mostrou para o Deputado José Lourenço, que é economista também, e este disse: *“Nossa Senhora!”* Ele ficou admirado. Pelo que entendi — não me explicaram —, os partidos de esquerda, que eram partidos nanicos, pequenininhos, estavam proporcionalmente tendo mais tempo, na soma, usando mais do que os de direita<sup>23</sup>.

Eu, na minha salinha, lá embaixo, isolada, pensei assim: *“O que será que quer dizer isso aqui? Por que fazer isso? Que trabalhadeira, mandar tantos números! Deputado de tal partido, de tal Estado, falou tantos minutos, outro falou tantos”*. Daí comecei a ver, e peguei os nossos números, os do PFL, que era uma bancada boa, grande. Era a segunda bancada: 4,5%. Agora não sei explicar, teria que pegar uma planilha para tentar refazer. Mas estava certo o meu raciocínio, porque foi valorizado. Eu tive esta impressão: *“Será que abriram os olhos e viram que os partidos de esquerda... Mas que influência tem isso na votação e no sucesso da votação? Porque há comentários de que assuntos do interesse da esquerda ganharam bastante espaço na Constituição nova...”* Eu sei que foi importante. Então, fiquei encarregada de fazer aquele trabalho. Enquanto houvesse planilha, teria que fazer. Eu lembro que fiz, continuei fazendo. Mas, não houve um desfecho para mim. Ninguém me disse: *“Não está valendo a pena, não tenha esse trabalho”*. Não fui dispensada de fazer o trabalho.

#### 11. O líder Dep. José Lourenço

A liderança era do Deputado José Lourenço. Ele era muito inteligente. Quando falava, ele gesticulava, falava alto. Eu estava no gabinete da Liderança, não no gabinete particular dele. Na liderança, ele era finíssimo. Quando ele viajava — tinha casa em Portugal, tinha parte da família lá — e vinha das férias, trazia lembrancinhas para as funcionárias. Ele era muito cavalheiro. A briga era só no plenário. Ele era muito engraçado, muito simpático, meio exagerado. Ele era muito

<sup>23</sup> ‘Centrão’ exige maior espaço no programa de TV da Constituinte. Jornal do Brasil, sexta-feira, 18/12/1987. [http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015\\_1987\\_00254.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1987_00254.pdf)



inteligente. Ele e o Deputado Nelson Marchezan foram os dois únicos com quem eu trabalhei. Só que, com o Deputado Marchezan, eu não tinha proximidade. Só conversamos umas duas vezes. Agora, com o Deputado José Lourenço, não, porque depois desse trabalho da planilha, ele procurou saber quem o fez. Assim o Sr. Roberto me contou. Disseram para o Deputado: “Ah, foi a D. Darcy!” “Quem é a D. Darcy?” “É aquela senhora loira”. “Mas cadê ela?” “Ela trabalha lá embaixo”. Aí ele disse: “Então, chame-a”. Fui chamada. Ele ainda me olhou e, acho, ficou admirado de ter sido eu. E disse: “Minha filha” — ele me chamava assim —, “onde é a sua mesa?” Eu falei: “É lá na sala de baixo”. Aí ele disse: “A partir de agora, a sua mesa vai ser esta”. Era na frente da do Chefe de Gabinete. Isso foi uma promoção, não foi?

#### 12. Os vice-líderes

Os Vice-Líderes vinham até a liderança para falar com o Líder, com certeza. Eles ficam conversando em sala fechada, lá no gabinete, com o Líder. Não tomávamos conhecimento do assunto. E eu trabalhava lá embaixo, mas passei a trabalhar lá em cima. Eles só quando o Líder estava lá. Ele era muito procurado.

#### 13. O lobby na Constituinte

Havia muito lobby, mas nós não tomávamos conhecimento. Havia pedido de melhoria na profissão ou qualquer coisa assim. Eu me lembro da Advocacia-Geral da União e de outras classes. Mas isso era tratado direto com o Líder. Não sei se era tratado com o chefe de gabinete. Mas eu acho que também não se recorria ao chefe de gabinete, porque ele tratava mais da parte burocrática, da administração do gabinete. Para mim, todos agradavam muito. Nós éramos muito paparicados nesse sentido. Todos eram gentis, era gente educada. Para ser lobista, tem que ser bem simpático. Eu não daria para ser lobista, eu não ia conseguir nada.

#### 14. O Centrão

A gente não participava da parte política, não tinha essa liberdade. Eu sou curiosa, tenho interesse, mas não participava, só sabia pelo jornal. Eles eram



combativos. Nossa! O Deputado Ricardo Fiuza<sup>24</sup> era muito enérgico. Agora, o Deputado José Lourenço era barulhento; ele era muito engraçadinho, mas também muito firme. Eu me lembro de todos eles, até com saudades. Todos os que conheci eram muito finos, muito cavalheiros. Quanto à atuação deles, não posso falar, porque a gente nunca sabia da orientação. A não ser que participasse de reuniões dele com os Vice-Líderes, dando orientações, combinando o que iam fazer. Mas a gente não participava nesse nível, não. Os assessores legislativos, sim. Eu era assessora técnica.

#### 15. O Presidente da Comissão de Sistematização

Vou contar um flagrante só. Eu, por acaso, passei pela Comissão de Sistematização — às vezes tínhamos que passar por ali —, onde estava havendo reunião, e o Senador Afonso Arinos<sup>25</sup> se levantou para usar da palavra. Lembro que, não sei se eram deputados que estavam perto dele, mas todos estavam, digamos assim, querendo protegê-lo. Ele resmungou algo assim: “*Eu não sou aleijado*”. Não sei o que ele disse, mas ele disse alguma coisa. Ele resmungou, não aceitou ajuda, saiu caminhando. Ele era bem idoso. Eu achei aquilo tão bonitinho.

#### 16. Avaliação da Constituição

A Constituição de 1988 enfatiza muito a cidadania, e até em sua abertura esse direito foi colocado, pelo próprio Ulysses Guimarães. Eu sou de acordo com isso mesmo, é preciso dar condições para as pessoas exercerem a cidadania e terem onde morar, o que comer e como cuidar da saúde.

#### 17. A autonomia de Brasília

Em relação à autonomia política de Brasília<sup>26</sup>, eu pensava o seguinte: Brasília estava tão bem, tão tranquila, e em época de eleição, não havia panfletagem, era

<sup>24</sup> Ricardo Fiuza. (1939-2005). Deputado Federal - 1971-1975, PE, ARENA; 1975-1979, PE, ARENA; 1983-1987, PE, PDS; 1987-1991, PE, PFL; 1991-1995, PE, PFL; 1999-2003, PE, PFL; 2003-2007, PE, PPB.

<sup>25</sup> Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990). Deputado Federal, MG, 1947-1959; Senador, DF, 1959-1961; Ministro Relações Exteriores, 1961; Senador, GB, 1961-1962; Ministro Relações Exteriores, 1962; Senador, GB, 1962-1967; Senador, RJ, 1987-1990; Constituinte, 1987-1988.

<sup>26</sup> V. Autonomia de Brasília - [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/133892/Nov\\_87%20-%200405.pdf?sequence=3](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/133892/Nov_87%20-%200405.pdf?sequence=3) e Borges, Elenice Alves Leite. O processo legislativo para a autonomia do Distrito





---

tudo limpo. Eu, que vim do interior, vejo que agora enchem as ruas de papéis. O Governador daqui era indicado pelo Presidente da República, ocupava um cargo de confiança, e era obrigado a cuidar da capital em todo sentido, principalmente visando à segurança das cabeças que estão aqui, da cúpula do Governo. Com a autonomia política, eu só pensei, porque não gosto muito do barulho: Ah, eleição, pedido de voto, promessa que depois não é cumprida. Daí fiquei, na condição de mãe e de professora, um pouco decepcionada, fiquei numa expectativa, mas com um pé atrás.

Eu trabalhava muito e trabalhava mais isolada, porque eu tinha que me concentrar. Então, não participava de conversa e de comentários com colegas, não. A gente mal se encontrava, era o Luiz Afonso, eu e a datilógrafa trabalhando o tempo todo. Mas o *lobby* aqui era infernal, muita gente queria. O Distrito Federal todo pediu, principalmente a associação comercial. Eles queriam áreas para construir edifícios, vendê-los, mas no meio do trigo vem o joio. Houve a grilagem e assuntos desagradáveis na segurança. Isso é coisa pessoal. Achava que estava muito bom e que não deveria mudar. Estava tranquilo, porque agora há pressão de tanta gente que quer entrar no Palácio do Planalto, colocaram o carro lá, quebraram tudo!

#### 18. A questão do aborto

Eu sou contra o aborto. Tem que pensar, tem que pensar antes de fazer as coisas. Se deu vida a um ser, assuma; se não tiver condições de assumir, não namore, ou então se cuide. Gente, é horrível! Um dia desses, vi um vídeo em que depois do aborto aparece a bolsa e o bracinho da criança. Fiquei muito impressionada. Eu sou contra, não pode, a não ser, talvez, em casos especiais, em que vá nascer um monstro, uma coisa que não tenha condições de ser criada, de se desenvolver, de ser feliz. Daí, não sei. Mas, assim mesmo, não mato nem formiga. Não mato animais, não mato nada.



## 19. A proteção dos animais

Eu ainda não deixei de comer carne totalmente, mas tenho muita pena dos animais. Eu já tive meu cavalo, numa área rural, em um pedacinho que me coube. Mas não quero ver animal sofrendo. Já batalhei muito aqui em Brasília contra maus-tratos aos cavalinhos de carroça. Antes, maus-tratos a animais não eram considerados contravenção penal, não era crime, mas agora é crime. Participei, ajudando protetores de animais, como a Sônia Fonseca, professora de Biologia da USP, que está viva ainda, talvez seja até menos idosa do que eu. Até a última notícia que eu tive sobre ela, ela era Presidente do Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal.

Um dia, uma artística plástica conhecida em Santa Catarina teve a casa invadida durante a Farra do Boi. O boi invadiu a casa dela e desceu as escadas que ficavam ao nível da areia da praia. A filha dessa artística plástica, que era bailarina clássica, vivia da dança, era profissional, ouviu um barulho lá em cima. Era um boi descendo desesperado. Havia uma multidão de bêbados atrás do boi, pressionando para maltratá-lo. Eles maltratam até e só matam para comer, cheio de adrenalina. O boi bateu nela e ela quebrou o pé.

A D. Sônia, que era Presidente da Sociedade Protetora de Animais, entrou em contato comigo, para que eu recebesse a artista e a levasse ao Supremo, porque um projeto deles que tinha circulado no Estado de Santa Catarina não havia passado. Havia até uma veterinária francesa que morava no Rio que também participava desses movimentos contra a Farra do Boi. Elas me receberam no Rio e depois me chamaram. Inclusive um advogado bom se prontificou a trabalhar gratuitamente em prol da causa. Então, fui com essa artista plástica ao Supremo, ou melhor, eu não sei se era o Supremo, eu acho que era o Superior Tribunal de Justiça (STJ). Foi no âmbito de recurso, porque, na Justiça Estadual de Santa Catarina, foi cortado. Daí trouxeram o recurso para cá e o Ministro Francisco Rezek<sup>27</sup> era o Relator. Depois, não lembro se ele havia saído na época. Acho que ele foi a uma missão em Haia, não sei onde. Eu sei que nós fomos fazendo um

---

<sup>27</sup> José Francisco Rezek (1944). Procurador da República, ministro das Relações Exteriores, ministro do Supremo Tribunal Federal e juiz da Corte Internacional de Justiça. V. <http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=21>



---

*lobby* com todos os Ministros da Turma encarregada desse caso. Sabe por quê? Porque havia pressão dos tradicionalistas. Era uma tradição dos açorianos. Muitos açorianos vieram e se instalaram no litoral de Santa Catarina. E os protetores de animais contavam os fatos e os próprios Ministros diziam: “*Não, mas é uma tradição deles*”. Então, ficavam os tradicionalistas e os protetores de animais.

## 20. A questão da educação

As pessoas me chamavam de Margaret Thatcher. Eu era da Secretaria de Educação, fui diretora, fiz curso não só de pedagogia, mas também curso específico para ser diretora aqui em Brasília, porque para cá vinham professoras de todos os Estados, com nível de formação muito diferente. Uma ensinava alfabetização de uma maneira, outra ensinava de outro modo, outra nem havia aprendido, e tal. Então, para uniformizar, para melhorar a qualidade, havia uma equipe, a D. Cléa de Freitas Capanema e a D. Stella dos Cherubins Guimarães Trois. Eu fiz esse curso que foi criado na época delas.

Nossa! Havia um esforço muito grande. Lembro, quando dirigi a escola, algo que nunca pensei — sou tímida, sempre fui, sou do interior, acho que sou desajeitada. Se não puder falar como estou pensando, não abro a boca —, que fizemos um trabalho com os pais, depois do curso, aprendendo direitinho a trabalhar com planejamento.

Tenho saudade da nossa escola. Ela tem que ser um ambiente alegre, um ambiente criativo, a criança deve gostar. As merendas têm que ser muito boas. Às vezes, a escola está numa comunidade que tem bom nível socioeconômico, mas as mães saem cedo. Parece-me que algumas pessoas não se preocupam muito com a alimentação dos filhos. Eu lembro que a frequência das aulas estava condicionada à qualidade da merenda, e era no Plano Piloto. Imagine como não deveria ser a alimentação deles nas cidades-satélites.

Eu gostava muito. Agora, tem que haver um trabalho paralelo, não é de educação, dependendo da comunidade, mas em todas as comunidades há gente que precisa, tem que trabalhar com o aluno e com a família do aluno sempre, reuniões com psicólogos, periodicamente, fazendo um levantamento dos problemas



---

maiores dos alunos, e se reúnem com os pais, caso não tenham se atentado para isso, para colaborarem também. Acho que, sem a família — porque muitos alunos chegam crus — é difícil, para a formação de hábito, até para procurar companhia para o filho e para evitar companhias. Há pais que preferem que os meninos brinquem embaixo do bloco.

Uma preocupação que tem que haver é a educação da criança na sala de aula. E a família? Ninguém pretende educar a família, mas sensibilizá-la. Daí o aproveitamento é muito maior, evita-se o crime e essas coisas. Outra coisa, a criança tem que ter companhia, estar na comunidade, fazer trabalhos, ir a clubes comunitários, que atendam à comunidade, para proporcionar atividade que preencha as horas das crianças.

Na Cidade Estrutural, no caminho de Taguatinga, tem um senhor aparentemente simples — não sei se é atual ou se é da história, se já passou, tenho que ver, não sei onde vi um vídeo ou um artigo —, que dá aula de vôlei, salvo engano, para as crianças. Um dia quero ir conhecê-lo pessoalmente. Esse senhor providencia para as crianças da Cidade Estrutural um lanche antes de começar o treino, elas são da Cidade Estrutural e recebem um lanche, porque têm que comer antes de jogar, não tem como jogar vôlei sem lanchar. Elas ocupam as horas e, com isso, selecionam as amigadas também. Uma coisa puxa outra. É uma corrente de elos.

Eu acho que é preciso exigir mais do professor. Então, na gestão, em todo o serviço público, é preciso gestores mais preparados, não digo exigentes exageradamente a ponto de pedirem uma coisa que não seja justa. Eu sei é que todo mundo tem que ter capacidade para saber julgar, saber o que exigir, onde entrar, em que momento, sem deixar de dar assistência. Não se vai demitir uma pessoa porque não está fazendo bem o serviço, mas é preciso ver o que está acontecendo. O gestor tem que estar preparado para, sem eliminar ninguém, fazer com que a coisa funcione. Não é porque uma peça de uma máquina está com defeito que vai se jogar a máquina fora, nem a peça, porque está tudo caro. Tem-se é que consertar a peça.



## 21. Sugestão aos políticos

Querem resolver problemas que parecem até eternos, quer dizer, que não têm jeito mais. O governo deveria prestar atenção na educação. Não é mandar fazer escolas, pôr professores, pôr uma pessoa para dirigir, dar verbas, dar carteiras, dar livros, não. É dar qualidade em todos os níveis, inclusive com os pais acompanhando e recebendo, dependendo da comunidade, assistência.

É um trabalho com as famílias. Há crianças ficando muito sozinhas. Comigo também foi assim. Eu saía com o coração doendo de deixar as minhas filhas. Achava que não dava carinho. Atendia para não faltar alimentação, roupa, tudo, mas, na hora em que a criança precisa de um colo, às vezes, ela não tem, pois a mãe não está ali. Isso acontece muito. Imagine nas favelas! E não é a criança mais pobre a que recebe menos assistência dos pais, não.

Eu vivi, fui criada em fazenda. Ainda frequento lá. Conheço as pessoas de todos os níveis. Vi o progresso de muita gente que já passou de mim, fiquei feliz, e em toda parte. Tudo tem que começar pela família. Se a família não teve aquele preparo, como vai preparar o filho? Então, ela tem que ser orientada. Onde? Não é assistente social só, é na escola dos filhos. É uma coisa paralela.

Há outra coisa, mas agora vão me matar. Sabe o que é? Se achar que não deve, pode cortar depois. Eu sou católica por formação, pela família e tal. Não sou carola, mas estudei no Colégio São José, um colégio de freiras, em Castro. Com a base que peguei lá, sempre passei em tudo, graças a Deus. Mais em matéria de igreja, eu penso que teria que haver uma orientação, por exemplo, da Secretaria de Educação, e não só daquela comunidade religiosa. Deveriam dar, porque recebem, pelo que eu soube, terreno para a igreja, um retorno para aquela comunidade. Por exemplo: você faz a igreja? Então lhe dou esse terreno. O que você usa para o terreno, há essa área, do mesmo tamanho, você vai edificar ali — feito um mapeamento das necessidades do bairro, do local — um lar para idosos, por exemplo, um prédio. E, claro, o governo dá os profissionais.

Então, que as igrejas colaborem também para o físico, porque o espírito, sozinho, não vive. Para dar assistência, creche, que cada igreja, quando edificar sua igreja, já com um prazo para angariar dinheiro e tal, colabore na área social com o Governo. Eu não sei se eles pagam IPTU. Eu acho que isso não está certo. Há



igrejas que cobram o dízimo, as pessoas dão o dízimo e tal. Eu não sei. Então, acho que deve haver uma contrapartida. Alma sem o corpo não existe. Deve haver assistência à criança em nível de creche ou a pessoas doentes, pronto-socorro, na área da saúde também. Por exemplo, o caso da Asa Norte. Eu moro na Asa Norte. Acho que já se faz um mapeamento: aqui vai haver uma igreja, ali vai haver outra. Agora, qual a necessidade que nós temos ali? Então, eu lhe dou essa igreja, mas o que você vai construir ali? Nós precisamos, nessa área principalmente, de assistência para os idosos. Sou idosa, mas tenho família, a minha aposentadoria. E os que não têm? Vejo muita gente idosa abandonada, às vezes até tendo família, que poderia levá-la para casa. Mas, por conforto, não o faz. Olhe, até com creche parece que as pessoas se preocupam mais, mas, com lar para idosos, menos. E espero que esses lares de idosos sejam fiscalizados, porque, se não forem os empregados fazem o que querem. Então, que ponham gente competente. Tudo está na gestão. E aqueles que estão como diretores pode ser que não dependam daquilo ali, mas que se proponham, de vez em quando, a fazer refeição. Vão tomar o café da manhã sem que a pessoa perceba, cheguem lá na hora do almoço, na hora da sobremesa, entrem no quarto, vejam o banheiro, para saber como eles estão. Acho que os idosos estão precisando muito disso. Quando é criança, os pais cuidam um pouco mais, mas o idoso... Se eu tivesse dinheiro, eu ia fazer alguma coisa. Faço individualmente, sabe? Fico de olho, dou apoio, mas há coisa ali que é causa para cadeia, sabe? Acho uma injustiça grande nós termos pessoas boas, inteligentes, que trabalharam, criaram família, exerceram uma profissão, gente que considero gênio até, gente muito esperta, ser despejada no lar de idoso. É isso. Então, espero que as igrejas deem um pouco de assistência social onde estiverem.

#### FICHA TÉCNICA

- 1 Data: 08/10/2018
2. Local: Sala da Cobec - Cedi
3. Duração: 1h34min
4. N° do arquivo: E021
5. Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Rildo José Cosson Mota
6. Entrevistador: Rildo José Cosson Mota



7. Equipe de vídeo: Lucas de Oliveira Campelo (Produtor); Roberto Guery (cinegrafista) e Roberto Bispo (assistente de cinegrafia)
8. Fotografia: Najara Araújo - Acervo Câmara dos Deputados
9. Responsável pela transcrição: Detaq
10. Data da transcrição: 05/12/2018
11. Responsável pela edição de texto: Rildo José Cosson Mota